

CASO PINOCHET

Chico Pinto com a palavra

Morre aos 63 Aristides Oliveira

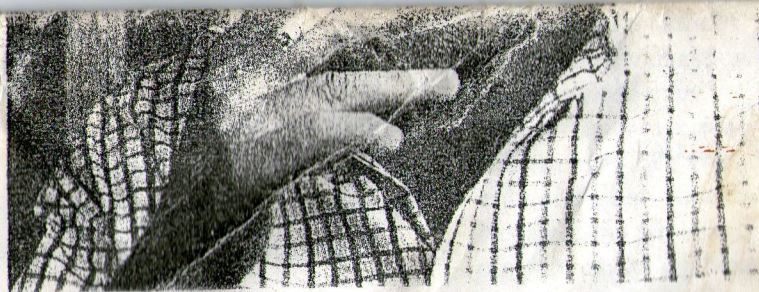
Morreu aos 63 anos, de complicações respiratórias, o lendário Aristides Oliveira, também chamado carinhosamente de "Trio Elétrico" por causa da capacidade de aglutinar pessoas carentes nos corredores do Fórum Ruy Barbosa. O atendimento aos pobres era totalmente desinteressado, expressava o seu sentimento cristão. Além de advogado exerceu o magistério. Escreveu um compêndio sobre Direito Administrativo.



Há quase 25 anos o ex-prefeito de Feira de Santana e ex-deputado federal Francisco Pinto (foto) estava preso porque um dia antes da posse do presidente Ernesto Geisel pronunciou um discurso na Câmara protestando contra a presença no Brasil de um convidado, o general Augusto Pinochet, na época presidente da junta militar que governava o Chile. Nas páginas 8,9,10 e 11, Francisco Pinto fala sobre seu julgamento, o fechamento da emissora de rádio que lhe entrevistou, sua rejeição ao indulto de Natal proposto pelo presidente Geisel e o sentimento que experimentou recentemente, ao saber que Pinochet estava preso na Inglaterra. Também de episódios como o quebra-quebra na Câmara Municipal de Feira de Santana praticado por seus partidários e conta como os militares o tiraram da Prefeitura, mesmo sem o impeachment ter sido aprovado por dois terços dos vereadores. Diz como era seu relacionamento com o Partido Comunista Brasileiro e

editado pela Universidade Federal da Bahia. Era metódico e dotado de uma memória que os familiares classificam de "fantástica", sabia de cor o número de todos os processos em que atuou. Deixou viúva e os filhos Fernando Alcício, auditor fiscal e João Paulo, estudante de Direito.

Página 3



Direitos Humanos na ótica de um PM

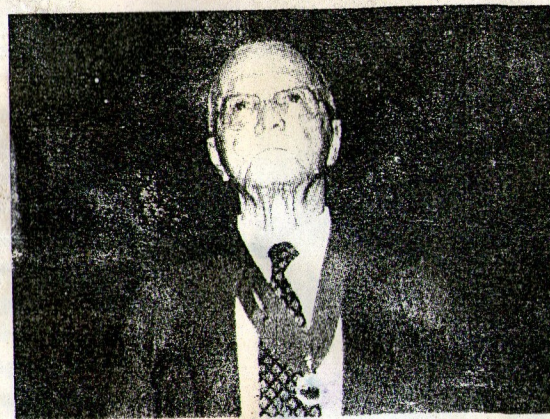
O soldado PM Almiro José da Conceição Vaz (foto acolado), um dos 280 policiais militares que estão sendo capacitados nos cursos Projeto Axé – Comissão de Direitos Humanos da OAB-BA fala do esforço da corporação para evitar criminosos em suas fileiras. “Somos 27 mil homens uniformizados, meia dúzia bastam para causar estragos na imagem da corporação”, pondera. Confessa que a Polícia Militar passa pela contingência de dar formação militar a homens que, além de não se adaptarem, depois de excluídos ingressam no crime. “Sem dúvida, muitos matadores de periferia tentaram antes a carreira na Polícia Militar”. Almiro, soldo de R\$580, considera que a sociedade vacila em sua própria defesa, produz leis penais excessivamente benevolentes, os criminosos estão sempre na rua. **Página 7**



confessa que em plena conspirou com oficiais nacionalistas do Exército para colocar o general Albuquerque Lima na Presidência da República, sucedendo a Costa e Silva. Reconstitui também a conversa que teve em 1994, com o então candidato à Presidência Fernando Henrique Cardoso, quando disse não a candidatura dele porque não mais o considerava comprometido com o nacionalismo e a defesas das estatais.

Calmon de Passos recebe homenagem

Ao receber da OAB-BA a comenda Ruy Barbosa o jurista J.J. Calmon de Passos emocionou os que lotaram o Teatro Jorge Amado para homenageá-lo: reconhecendo-se teimoso e persistente na defesa de princípios e idéias



contou uma fábula que conhece desde criança, a da “mulher do piolho”, uma criaturazinha chata que morre mas não se retrata. Assegurou que sua responsabilidade não cessará com sua vida, pois a transferirá para filhos e alunos. Falou sobre a mulher, Maria Elisa, e os filhos Berta, Emerson e Eridan. Ouviu palavras carinhosas de Berta, que falou em nome da família, e elogiosas do conselheiro federal da OAB Pedro Milton de Brito e do presidente da OAB-BA, Thomas Bacellar. **Página 4**

Debate sobre o fim do poder normativo da JT

Página 5

Lei que transfere gestão pública fere Constituição

Página 13

STF reconhece transferência de universitário

Jurisprudência, página 15

Pelo nacionalismo,

A prisão do general Augusto Pinochet lembra aos baianos que entre 1974 e 1975 o ex-prefeito de Feira de Santana e ex-deputado federal

Francisco Pinto passou seis meses atrás das grades porque pronunciou um discurso na Câmara contra a presença dele no Brasil, onde chegou para participar da posse do general Geisel. "Se aqui houvesse liberdade o povo manifestaria o seu descontentamento e a sua ira santa nas ruas contra o opressor do povo chileno", bradou Pinto na Câmara, um dia antes da solene posse de Geisel na Presidência da República.

O sentimento que a prisão do general causa em Francisco Pinto, quase um quarto de século depois, esta longe de ser de euforia ou de vitória política. "Porque estas nações que pedem sua prisão não romperam relações diplomáticas e comerciais com o seu governo?" desabafa, lembrando que a União Soviética foi a exceção. Aos 68 anos, fumando entre 70 a 80 cigarros por

- Qual o fundamento indicado para sua condenação em 1974?

- O procurador geral da República enquadrou o "crime" na Lei de Segurança nacional mas no julgamento final os ministros do Supremo dividiram-se entre aplicar a Lei de Segurança ou o Código Penal. Optaram pelo Código Penal. Aplicaram-me, por unanimidade, a pena de seis meses de reclusão. Se fosse pela Lei de Segurança seria de dois anos a seis anos.

O que distinguia os dois diplomas no artigo referente a ofender chefe de estado de nação estrangeira, era justamente a gravidade da pena, - maior na Lei de Segurança Nacional.

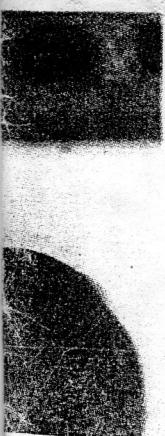
- Também susponderam

Conspirando com o general

Conta Chico Pinto que no Governo Costa e Silva estava articulado com parcela da jovem oficialidade do Exército, o Grupo Centelha, "que discordava dos métodos e da política" da ditadura. Com a morte de Costa e Silva os acontecimentos foram precipitados. O Grupo Centelha articulou a candidatura do general Albuquerque Lima. "Altei-me nessa perspectiva porque os oficiais que a apoiavam eram nacionalistas, havia compromisso com a redemocratização, - e também entendia que era necessário um braço armado para enfrentar a ditadura". Nessa época estava convencido que "não sairíamos da ditadura sem apoio dentro das das forças armadas".

As consultas indicavam que Albuquerque Lima era o preferido entre os oficiais intermediários "corros

O ex-deputado Francisco Pinto admite que redemocratização passou a ser fundamental para o desenvolvimento por isso desatou atividade política



dia, Pinto vive parte do tempo em Brasília, com a mulher Thais Cavalcante Alencar e a filha Thais, de 18 anos, - e outra parte entre Feira de Santana e Coração de Maria, onde cuida da fazenda que pertence à família desde seus avós. Lá preserva, religiosamente, uma mancha da mata nativa. Preocupa-se com o bem estar de tatus, tamanduás e outros bichos. Outro hábito singular é dormir quando o dia está nascendo, já que prefere a noite para escrever, ler e participar de reuniões.

Admite que depois da redemocratização, que possibilitou ao Congresso reconquistar poder e prerrogativas, a corrupção e a manipulação do mandato passaram a ser praticadas com desenvoltura por parcela dos parlamentares, - razão principal de sua desilusão e determinação em não candidatar-se mais. "Na ditadura, quando o Congresso não podia apresentar emendas à Lei do Orçamento, não poderia haver escândalos como o dos anões do orçamento". Continua fiel às teses do nacionalismo que caracterizaram sua carismática atuação política e crítica radicalmente a venda das estatais. Reconhece que é produto do populismo, "sem aspás". À diretora da OAB Joselita Leão e ao editor José Valverde Chico Pinto concedeu a seguinte entrevista:

meus direitos políticos, apesar do dispositivo constitucional, que de acordo com entendimento anterior do STF não era auto-aplicável, não estar ainda regulamentado. Negaram-me também o *sursis* previsto na Lei em benefício de réus primários. Nos processos anteriores eu fora absolvido, conservava a condição de primário. Somouse a esta violência, praticada pelos poderes executivo e judiciário, mais uma, a da Câmara dos Deputados, que cassou o meu mandato. Assim fui atingido de uma só vez pelos três poderes da República.

- Entre o julgamento e a publicação de sentença, houve uma sessão tumultuada na Câmara dos Deputados. Como foi este episódio?

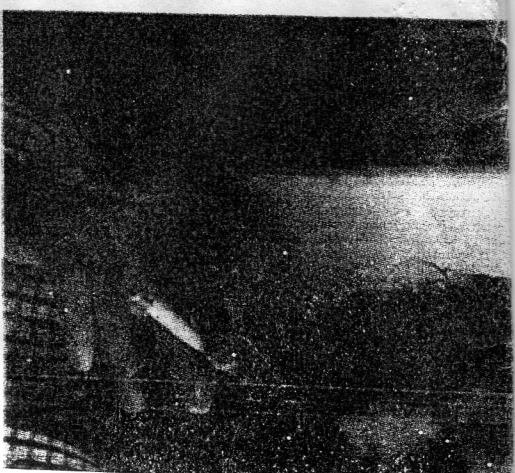
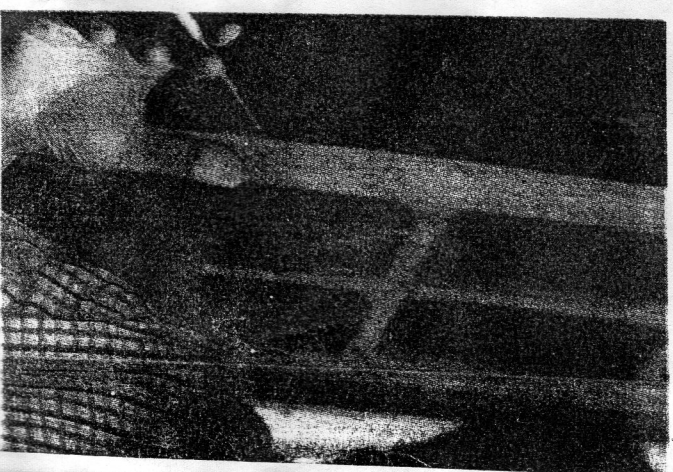
- Eu estava inscrito para falar naquela sessão. O presidente da Câmara, Flávio Marclio, garantiu a Ulisses Guimarães e ao líder do MDB Laerte Vieira que me concederia a palavra pois a sentença condenatória ainda

seu nome foi vetado pelo alto comando", sob a argumentação de que ele não tinha quatro estrelas. "Com os ânimos exaltados, a jovem oficialidade decidiu que se o alto comando escolhesse o general Juracy Magalhães, ou o general Muricy, haveria trégua na rua". Optou-se por Mélici. Albuquerque Lima "recuou do confronto". Tive oportunidade de conversar com ele, no Rio.

- General, porque o Sr. Recuou? indaguei, ponderadamente. Ele argumentou que Mélici não tinha um passado de truculência. E fez um balanço de suas possibilidades: contaria com o Quarto Exército, "que era fraco", e com o Primeiro Exército, "que era forte". E não contaria com o Segundo e o Terceiro, "que eram fortes". Haveria morticínio, imãos matando imãos, vaticinou. Prédios, pontes e aeroportos seriam destruídos. Por tudo isso teria desistido do confronto naquele momento.

- Descreva general, mas pensando assim o senhor não é um revolucionário. Enquanto o senhor apoiava o Movimento de 64, Jango poderia ter resistido e se resistisse haveria mortes e destruição, disse-lhe. E conclui: - As vezes é preciso destruir para construir melhor.

Chico Pinto confessa que "desejava mesmo" o confronto armado "para eliminar do país a camarilha entreguista, Roberto Campos, Bulhões, Delfim Neto e outros".



Contra a ditadura!

do federal
to também
depois da
ão a corrupção
raticada com
o Congresso e
ludiu-se da
rlamentar.

não produzira nenhum efeito. Não fora publicada no Diário Oficial. Quando eu cheguei ao plenário o próprio presidente da Câmara ordenou que um funcionário me trouxesse o livro de inscrição para assiná-lo. Logo depois o telefone privativo da presidência tocou. Era o ministro da Justiça Armando Falcão determinando que eu não deveria falar.

- Fui à tribuna. O líder da Arena e do Governo, Célio Borja, levantou uma questão de ordem. Argumentou que era fato público e notório que eu havia sido condenado e, consequentemente, não poderia falar. O presidente Flávio Márcilio deferiu. Ulisses, Laerte Vieira, Lisâneas Maciel, Alencar

Relatório Saraiva

"No livro publicado depois de sua morte, o ex-presidente Geisel, embora me chame de criminoso, reconhece em outro trecho que a denúncia que fiz sobre a existência do Relatório Saraiva, que tratava de corrupção na embaixada brasileira em Paris, era verdadeira".

Poupança e multinacionais

"Uma das mais deslavadas mentiras que o governo sustenta, o capital videofinanceiro difunde, a população aceita e até os letrados repetem é que o Brasil não tem poupança interna. Como não tem? O que não discutem, nem esclarecem para evitar confronto com as extensões da globalização, é como essa poupança se esvai e migra".

"Ultimamente alguns setores manifestam reservas em relação ao capital de curto prazo, que chamam de hot-

Pinochet. O ministro das Comunicações requisitou a entrevista à direção da rádio e determinou o seu fechamento por 15 dias e mais tarde a fechou definitivamente. Novo processo foi aberto contra mim com base na Lei de Segurança. Passei a responder a dois processos, paralelamente. A rádio só foi reaberta vários anos depois, quando Oscar Marques transferiu-se para a Arena.

- *Por que, depois de condenado, você recusou o indulto oferecido pelo presidente Geisel?*

- Antes do Natal de 1974, quando já cumprira dois meses da pena, os jornais noticiaram que o Geisel iria indultar-me no Natal. Ele baixou decreto estabelecendo

jornais foram proibidos de publicar a carta. Não sei porque razão escapou o Correio Braziliense, que a estampou no dia seguinte. E assim cumpri mais quatro meses de reclusão.

Na carta, entre outras coisas argüi: Livre-me, Sr.

Presidente, de mais este constrangimento, de um perdão que não pedi, por crime que não cometi, e de cujo fato gerador não me arrependo, nem tenho porque me arrepender. Em outro trecho argüentei: Não me enquadro no decreto de V. Exa pois continuo com o mesmo grau de periculosidade reconhecido por um tribunal que capitulou.

- *Como foi sua saída da prisão?*



Furtado, Marcos Freire, Fernando Lyra e outros reclamaram em vão. Insisti da tribuna, comecei a falar, Flávio Márcilio encerrou a sessão. Desligaram o microfone. Célio Borja mandou os deputados da Arena se retirarem. Márcilio ordenou aos funcionários que também se retirassem. Ficou a bancada do MDB e funcionários rebeldes. Falei assim mesmo, fiz um discurso duro contra o regime. Falei sem microfone, o plenário vazio e as galerias cheias.

- E sobre o fechamento da Rádio Cultura de Feira de Santana, punida porque lhe entrevistou...

Ao chegar em Feira de Santana depois da abertura do processo fui entrevistado longamente pela rádio. Cultura, que pertencia a um militante do MDB, Oscar Marques, o Oscar Tabaréu. Era natural que o povo da cidade estivesse curioso para saber o que ocorreria em Brasília, mesmo porque nos primeiros dias o noticiário fora escasso. Relatei os fatos, comentei o discurso sobre

money e preferir chamar de capital-moeda. Muitos países têm sido devastados por ataques especulativos. Esses capitais, ou melhor pupéis, são reconhecidos com os juros mais altos do mundo e saem levando parte de nossa poupança interna".

"Setores da própria oposição defendem os investimentos diretos e produtivos das transnacionais. Com tecnologia avançada, essas empresas absorvem reduzida mão-de-obra, e transferem para suas matrizes os lucros provenientes da poupança interna, além de parte dos salários".

Luta armada e Partidão

"Sempre considerei que a base de sustentação do regime eram as forças armadas. Consequentemente, precisávamos contar com uma parcela da sociedade institucionalmente armada. Fora daí só a guerrilha civil, com as inúmeras dificuldades".

O Partidão (Partido Comunista Brasileiro) não era hostil a aliança que eu defendia com a ala mais avançada dos militares".

"O Partidão considerava aventura reinstituir o político as ações armadas de seus co-irmãos comunistas. Identificava-me com o Partidão ao defender a luta institucional no MDB e a mobilização das massas, e divergia quando renegava o outro tipo de enfrentamento".

os requisitos: ter cumprido um terço da pena; ter bom comportamento na prisão; ter cessado a periculosidade. O comandante do quartel me informou que o Conselho Penitenciário já havia solicitado um relatório sobre o meu comportamento e ele informara que era muito bom.

- Alguns dias depois recebi a visita de D'Alambert Jacoud, do Jornal do Brasil e solicitei que ele fosse portador de uma carta ao presidente da República em que reafirmava a condição de não preencher uma das condições exigidas para o indulto, a de estar recuperado. Expliquei a D'Alambert que era uma atitude política. Não queria ser devedor nem beneficiário de gestos que poderiam ser interpretados como magnânimos, quando eram provenientes de um carrasco que através de prepostos cassou-me o mandato, suspendeu meus direitos políticos, negou-me o *sursis* e impediu-me de disputar as eleições no mês de novembro daquele ano. Pedi que enviasse cópia aos jornais. Os

- Algumas esposas de deputados que formavam o grupo autêntico e outros companheiros resolveram fazer uma carreata na hora de minha libertação, conduzindo-me para casa. Eu deveria sair entre 6hs e 7 hs da noite, contudo as 9 hs da manhã o comandante do Batalhão comunicou-me que eu deveria sair imediatamente do quartel. Ponderei que a pena só estaria terminada depois das 6 hs da noite e eu não queria ficar devendo ao general Geisel nem ao Supremo um só um minuto. Foi inútil. Argumentou que cumpriria ordens taxativas para conduzir-me ao lugar onde deveria hospedar-me. Eu abortei o indulto e eles abortaram a carreata.

- Creio que logo depois você assumiu a direção da sucursal de Brasília do semanário Movimento ...

- Apenas dois jornais alternativos tinham circulação nacional, Opinião, sob o comando de Fernando Gasparian e O Pasquim. O editor chefe de Opinião,

Raimundo Pereira, visitou-me na prisão e comunicou que estava havendo divergências, um racha na redação.

Convidou-me para fundar um novo semanário. Achei ótima a idéia. Ao deixar a prisão encontraria uma nova tribuna para continuar a luta. Logo nos primeiros dias de minha libertação articulamos, ao lado do recém eleito deputado Aírton Soares (MDB-SP) o apoio de todo o grupo formado pelos autênticos e não-autênticos. Eles se tornaram acionistas do jornal. Em maio de 1975 saiu a edição zero do Movimento. O governo determinou sua apreensão. Informou que haveria censura prévia, todas as matérias deveriam ser enviadas a Polícia até a manha de quinta-feira e seriam devolvidas na sexta. A censura foi brutal. Produzíamos material suficiente para editar dois jornais e as vezes o que sobrava da censura era insuficiente para um. Além de



Rejeitando Fernando Henrique

Em 1994, quando era candidato à Presidência, Fernando Henrique Cardoso foi a Brasília encontrar-se com Virgíldasio Senna, Pedral Sampaio e Francisco Pinto. Os três haviam combinado previamente que discutiriam com o candidato sua visão sobre o Brasil e seu projeto de governo. Estavam também presentes Pimenta da Veiga e o falecido Sérgio Mota. É Pinto quem conta:

"Depois das preliminares e do ritual de recordações, o Virgíldasio, que já chamava Fernando de presidente, disse: Identifico-me com suas posições e por isso apoio sua candidatura. O Pedral também se identifica com suas posições e o apóia. Pedral confirmou com a cabeça. O Chico Pinto, bem o Chico Pinto... Fernando Henrique compreendeu a hesitação e interveio: Oh

episódio sob o angulo da etiologia do delito essas nações não consideravam Pinochet um criminoso. Ao contrário, o consideravam um presidente que tentou evitar que a América Latina fosse dominada pelos comunistas. Para essas nações era um benemérito e não um carrasco sanguinário. Como agora, depois da guerra fria, o comunismo não é mais ameaça, passou a ser figura desprezível, dispensável e até execrável.

- E na época, quem lhe apoiou?

- Tive o apoio dos autênticos do MDB, alguns advogados, intelectuais, artistas etc. A grande imprensa qualificou-me de deseducado e descortês. Outros entendiam que eu era um provocador, que não tinha prova das denúncias de assassinatos e torturas. O brasileiro Thomas Skidmore no seu livro *De Castelo a Tancredo*, referindo-se a forma como eu fazia oposição escreveu que

prego. Implantamos o método Paulo Freire de alabetização. A alocação de verbas passou a ser discutida publicamente e o orçamento elaborado pela comunidade nos bairros, e levado à praça pública. Os técnicos só davam a feição exigida pelas normas. Veja que este tipo de orçamento participativo não é uma invenção do PT no R.G. do Sul. Fizemos isto, com mais amplitude, há 35 anos".

- O orçamento foi rejeitado pela Câmara dos Vereadores, onde éramos minoria e houve uma revolta. Milhares de pessoas concentraram-se na praça, a Câmara foi ocupada e todas as dependências destruídas. Os vereadores refugiaram-se na sala da diretoria e escoraram a porta. Pessoas armadas com restos de cadeiras e móveis tentaram arrombar a porta. Houve confronto com o Batalhão da Polícia e até feridos à bala. O Batalhão se retirou, abaixo de pedradas, depois que assumi com o comandante o

uma coluna, a "Coluna do Chico Pinto".

- Trabalhei no jornal durante quatro anos, até 1978, quando voltei a candidatar-me a deputado federal. Foi um jornal extraordinário...

- *Que sentimento a prisão de Pinochet lhe causou?*

- Uma colega advogada telefonou-me logo que soube. Sem fazer qualquer saudação foi logo dizendo: *Sei que você hoje está muito feliz. Não atinei para a situação e perguntei: por que? Oh você não está acompanhando os acontecimentos não, Pinochet está preso!* Agora que ele está fraco..., respondi.

- Hoje Pinochet está fraco, velho, alquebrado, anistiado em seu próprio país. Por que as nações que hoje querem julgá-lo não romperam relações diplomáticas e comerciais com o seu governo? Por que o ajudaram? Por que o financiaram? A exceção foi a União Soviética que rompeu relações, por motivos óbvios.

- Se examinarmos esse

Virgildásio você está querendo dizer que o Chico Pinto me apoiou com espírito crítico... *Interrompi. Disse que nem criticamente nem sem crítica. Querita mais informação. Havia lido na Folha de S. Paulo a posição de cada candidato sobre as empresas estatais: Brizola era radicalmente a favor das estatais; Lula a favor; Entás também; e Fernando Henrique, dizia o jornal, não tinha posição. Fiz referências a esta reportagem e indaguei se ele não tinha realmente posição sobre as estatais. Ele reagiu: Como eu não tenho posição, você não me conhece!*"

Perguntei se ele iria fortalecer a Petrobrás, a Eletrobrás, a Telebrás, a Vale do Rio Doce. Mas você conhece a luta dos meus pais e a minha a favor do petróleo é nosso, *respondi. Disse então que da família dele, e dele no passado, eu sabia, mas queria saber a posição dele hoje.* Sou a favor do monopólio da Petrobrás, o que não vou admitir é esse corporativismo nas estatais."

"E explicou que em uma das estatais, a Eletrobrás ou a Telebrás, não me recordo qual, a diretoria vendeu ações, sem o conhecimento dele, que era o ministro da Fazenda, e do Presidente chamar Franco. Eu argumentei: Mas Fernando, se você fosse médico mataria o paciente que estivesse com infecção ou combateria o mal? Desculpe, mas você poderia ter demitido a diretoria. E tem mais: o Brasil é tido como estatizante mas não é verdade. E apresentei a situação de vários países em relação a participação das estatais no PIB: Suécia, 51%, Itália, 42%, França, 37%, Inglaterra, depois de Margaret Thatcher, 32%, México, 27%, Estados Unidos, o país que se diz campeão da livre iniciativa e do mercado livre, 28,3%. E o Brasil? Apenas 21%. Onde você conseguiu esses dados? Interrompeu-me. Respondi que eram do Banco Mundial e do Fórum Econômico da ONU."

"Ele convidou-me para participar da discussão do seu programa, pediu que o Pimenta da Veiga me aproximasse do Paulo Renato que era o coordenador e se despediu porque tinha um compromisso em Porto Alegre, com Pedro Simon. Prefere ficar de fora."

eu era um provocador que gostava de por o peito na ponta das baionetas."

- *Em dezembro de 1963, quando o Sr. era o prefeito de Feira de Santana, a Câmara de Vereadores foi depredada por partidários seus. Qual sua versão para este episódio?*

- Ganhei as eleições e coloquei em prática o slogan da campanha: *Francisco Pinto na Prefeitura é o povo governando.* Organizamos a população em associações de bairro, forma de organização até então inédita em Feira. Nenhuma obra era realizada sem uma discussão em cada bairro e em praça pública. No começo, falavam o prefeito e alguns secretários defendendo as reformas de base programadas pelo governo de João Goulart. Depois os moradores apresentavam suas propostas, sem nossa interferência, para serem votadas. Assim construímos o prédio do Ginásio Municipal, o Centro de Abastecimento e montamos a Farmácia do Povo. Vendíamos alimentos e remédios pela metade do

saída dos vereadores da oposição. Fizemos um cordão de isolamento. Um deles, Jorge Mascarenhas, da UDN, saiu desmaiado para uma ambulância. Os demais saíram em um carro providenciado por mim. Depois, exaltado, falei para a multidão, umas 10 mil a 15 mil pessoas. *A Câmara acabou, de hoje em diante a Câmara de Vereadores de Feira de Santana é o seu próprio povo!* Quando o golpe militar de 64 arrebentou fui acusado de ser o responsável pelo quebra-quebra..."

- *E foi removido da Prefeitura pelos militares, preso...*

- Foi sob o signo de permanentemente luta popular contra forças economicamente poderosas que governei o município até o golpe de 64. Refiro-me a um município onde não havia código tributário, nem um fiscal de rendas. Comerciantes e industriais pagavam o imposto que queriam. Existiam casas comerciais vizinhas a Prefeitura que nem licença de

funcionamento tinham. Donos de cinemas embolsavam impunemente a taxa de diversão embutida no preço

do ingresso. A sonegação era monstruosa. A subversão que enxergavam não passava de uma reação legítima do governo municipal na defesa das finanças e do patrimônio público. Foi nesse clima que arrebentou o golpe de 64".

- Resolvemos resistir ao

golpe. Várias lideranças operárias e estudantes que haviam escapado de Salvador foram para Feira de Santana. Uma série de providências foi adotada para resistir; fizemos barricadas com sacos de areia. Conseguimos explosivo para destruir pontes. Usando um carro funerário, armamos um bem sucedido artifício para retirar os fuzis do Tiro de Guerra, que estava sendo vigiado apenas por um sentinela. Mas a ausência de reação no resto do País nos levou à desmobilização.

Devolvemos os fuzis. Outros fuzis do tipo *papo amarelo* que havíamos reunido, iguais aos usados por Lampião, foram atirados no rio. Adversários locais se reanimaram. Até que forças

Agradecimento aos advogados

Chico Pinto, formado pela 1954, confessa que chegou a ter a maior, "embora não a mais rendosa", banca de advocacia de Feira de Santana. Entre seus clientes estavam os principais sindicatos de trabalhadores de Feira. Mas sua principal atuação foi em causa própria, respondendo por sua atuação na Prefeitura de Feira.

Na primeira audiência no Conselho de Justiça Militar para o Exército, ao ser convocado para sentar-se no banco dos réus, ao lado de "outros com-panheiros", levantou uma questão de ordem. Esclareceu que nos autos havia uma procuração para o advogado Inácio Gomes, reservando-lhe iguais poderes. "Em obediência aos Estatutos da OAB, não poderia sentar no banco dos réus já que estava na condição de advogado em causa própria" argumentou. O promotor Ruy Pessoa, solicitou que trouxesse um pronunciamento oficial da OAB sobre a questão. "Açãoei a Seccional Bahia

da OAB, apresentando as razões para a prerrogativa que eu argüía". As razões foram aceitas" e a decisão comunicada ao Conselho Militar.

O processo "se arrastou" entre 1966 até fevereiro de 1970, quando ocorreu o julgamento e no julgamento, em que foi um incidente com o promotor. "Combinei com o doutor Inácio que ele

faria a análise das provas, a defesa jurídica propriamente, e eu faria a análise política. Quando o promotor Antônio Brandão fazia a acusação o adjetivo de "inocente útil dos comunistas" de "oportunistas". Pinto reagiu inconfortavelmente: -É a p... que lhe pariu...

Conta que "cavalheirescamente" o promotor fez que não ouviu. Mas o presidente do Conselho, major Bendochi Alves, reagiu. Desceu do estrado, aproximou-se dos advogados, debruçou-se, fez um comentário sobre o incidente e anunciou, com voz suficiente para o réu ouvir, que votaria

pela condenação. Mesmo assim Pinto foi absolvido, depois de sustentar durante uma hora sua defesa política inspirada no nacionalismo e na oportunidade de um governo popular "desvinculado do imperialismo".

O promotor apelou e em julho do mesmo ano o recurso foi julgado no Rio de Janeiro onde, contrariando advogados experientes, atuou também em sua própria defesa e também foi absolvido. "Permaneçi na determinação de falar a altos escalões das forças armadas, ainda que investidos da função de juizes" A defesa "foi

menos exaltada mas tão firme quanto a que fiz na Bahia". Defendeu o nacionalismo, denunciou "as torturas usadas para formar provas" contra ele. "Enfim, mantive a mesma conduta anterior". Ressalta que foi "O único caso de um *subversivo* defender-se perante generais, brigadeiros e almirantes"

Cita outros advogados que o

defenderam em vários processos nas justiças civil e militar: Romilda Noblat e Jaime Guimarães ajudaram no processo que resultou em sua absolvição na Auditoria Militar de Salvador; Raul Chaves, Paulo Bros-sard, Thomas Bacellar e Milton Tavares atuaram em outras ocasiões; Heleno Fragoso, Serrano Neves e Josaphá Marinho, que foi seu advogado no episódio Pinochet e tentou demovê-lo da decisão de recusar o indulto que Geisel queria conceder.

Lembra carinhosamente de um advogado que o visitou na prisão: Sobral Pinto. Gosta de repetir as conversas que teve com ele. Guarda, zelosamente, uma carta de solidariedade enviada pelo velho advogado que no Estado Novo defendeu o líder comunista Luís Carlos Prestes com base na Lei de Proteção aos Animais.

O discurso que irritou Geisel

"Certo dia, um tenente do

Passa-se a história de duas formas, Sr. Presidente, pela

um eixo político Brasil-Bolivia-Chile-Paraguai. Eixo político para

Mas o que desejamos, Sr. presidente, é apenas deixar

do Exército, sob o comando do major Hélyvio Moreira, chegaram em Feira e se alojaram em um armazém de fumo. Lá muitas pessoas foram torturadas em uma prensa de fumo, para confessar que o prefeito era comunista. Depois de preso fui conduzido para este armazém e no dia seguinte transferido para o quartel da PM. Nesse dia, o major convocou a Câmara para votar o meu *impeachment*. Os vereadores foram conduzidos por soldados e a Câmara cercada. A votação, ao invés de secreta, foi aberta. Mesmo assim não conseguiram os dois terços necessários para me destituir. Encerrada a sessão prenderam um vereador, o sargento Aranha, porque votou contra, desobedecendo ordens”.

- No dia seguinte fui transferido para Salvador, onde fiquei preso no Forte do Barbalho, em uma masmorra medieval, lugar onde mais se torturou na Bahia. De lá fui transferido para o 19 BC. Depois de 60 dias fui liberado, com a condição de me apresentar duas vezes por semana ao chefe do inquérito policial militar”.

comunistas, ordenou que suas tropas atirassem sobre populações civis, mulheres e crianças indefesas. Dezenas de pessoas foram assassinadas, inermes. A opinião pública do seu país e a mundial, revoltadas, pediram a punição do comandante criminoso. Esse tenente pertencia, contudo, ao exército mais poderoso do mundo, o exército americano e era combatente de guerra no palco do Vietnã: o tenente William Calley, o anti-herói do massacre de My Lai, foi punido pela justiça militar dos Estados Unidos, afastado do exército, preso e, afinal, condenado. País algum o receberá com honras de qualquer espécie, porque desonrou a farda que vestia e as leis de guerra que jurou cumprir e obedecer.

Mas, ontem, Sr. Presidente, chegou ao Brasil e foi recebido com honras de chefe de Estado, quem desonrou o Estado a que devia servir e a farda que o agasalha. Não fosse ele o chefe da junta militar que oprime o Chile, seria recepcionado como um “calley”. O repúdio seria a homenagem justa ao mais truculento dos personagens que, nas duas últimas décadas, esmagaram povos na América Latina.

grandeza ou pela torpeza das ações. O chefe da junta Militar do Chile, general Augusto Pinochet, preferiu parodiar Juvenal: Que importa a infância quando fica assegurado o poder? A infância de assassinar, coletivamente, operários, mulheres e crianças para prender um livre atirador qualquer que, em fuga, em vila operária de homiziara. A infância dos julgamentos sumarríssimos que inventou para matar inocentes e culpados. A infância de mentir ao mundo com seus campos de concentração, tentando justificar os crimes que cometeu contra os que, no poder, não cometeram crimes contra ninguém. Quem Allende matou, Sr. Presidente? Mas aquele que se intitulava democrata, Augusto Pinochet, quantos crimes praticou? Quanto sangue sangrou dos seus próprios patricios para saciar sua sede de poder e para servir a padrões de outras pátrias? Como todo fascista, serviu-se da democracia chilena para agora acusar os democratas cristãos e os marxistas de prejudicarem o Chile, de servir a outros interesses e de receber dinheiro, obtendo ajuda externa, os primeiros da Itália e da Alemanha, e os segundos da Rússia e de Cuba.

E Pinochet, a quem se vendeu? E a quem quer comprar, agora, Sr. Presidente, quando anuncia que para aqui traz a intenção de formar

que? E para servir a quem? Deixo, Sr. presidente, basta o eixo de triste memória que a História registra: o eixo formado pela Alemanha nazista, a Itália fascista e o Japão.

O que nos vem do Chile de Pinochet é o fechamento de jornais, é a censura desvaivada à imprensa remanescente. O que nos vem do Chile é a opressão mais cruel de que nos dá idéia a reportagem e as fotos publicadas pela revista Visão, do campo de concentração da ilha Dawson. O que nos vem do Chile é o clamor dos presos, dos perseguidos, do povo oprimido. É o horror do massacre promovido pelos golpistas. Três mil mortos, segundo Pinochet declarou a Dorri Harazin, da revista Veja; dois mil, segundo a referência cínica que um dos comparas de Pinochet em sua sinistra empreitada, o brigadeiro Leigh, fez ao repórter Prado da revista Visão. Oito mil, dez mil, ou muito mais, de acordo com fontes menos suspeitas.

Agora não é a hora, contudo, de se examinar os erros das esquerdas nem o lugar para se sondar a profundidade de sua própria cegueira. Cegueira de esquerda é pior do que as outras e é menos permitida aos vencidos do que aos vencedores. E esta cegueira é tão enorme que parece ser quase voluntária.

registrado nos Anis o nosso protesto e a nossa epulsa pela presença indesejável dos vários pinochets que o Brasil infelizmente está hospedando. Se aqui houvesse liberdade o povo manifestaria o seu descontentamento e a na traria senta nas ruas, contra o opressor do povo chileno. Para que não lhe pareça, contudo, que no Brasil todos estão silenciosos e felizes com a sua presença, falo pelos que não podem falar, clamo e protesto por muitos que gostariam de reclamar e gritar nas ruas contra sua presença em nosso país.

Alguns o aplaudirão – os eternos turiferários do poder – crentes de que, o aclamando, agradam o governo que amanhã se instala no Brasil. Outros censurarão a imprensa pelo que aqui se diz para que não se saiba que há os que resistem, em todas as partes do mundo, contra a violência.

Enfim, Sr. Presidente, os anticristãos de lá e de cá, os que tremam a pátria lá e aqui, os inimigos do povo em todos os quadrantes da Terra não devem se esquecer de que pelos crimes cometidos há sempre, mais cedo ou mais tarde, uma pena a purgar e a cumprir. Seria cômodo para aquele sicário ser julgado apenas pela História, mas, inapelavelmente, cairá sobre os seus ombros o julgamento dos seus contemporâneos. Aguardemos.